

# CAPÍTULOS DA EDUCAÇÃO INDÍGENA NA TERRA BACURIZINHO (GRAJAÚ – MA): UMA ABORDAGEM A PARTIR DA CONCEPÇÃO DOS PRIMEIROS EDUCADORES

## CHAPTERS OF INDIGENOUS EDUCATION IN THE BACURIZINHO LAND (GRAJAÚ – MA): AN APPROACH BASED ON THE CONCEPTION OF THE FIRST EDUCATORS

---

Frederic Menezes Ferreira<sup>1</sup>

Alexandre Cesar Muniz de Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente capítulo está estruturado em três tópicos. O primeiro, traz uma abordagem sobre os aspectos da educação dos povos indígenas no Brasil; o segundo, está voltado para a história da educação dos índios Tenetehara da terra Indígena Bacurizinho na cidade de Grajaú – MA e o terceiro, apresenta as entrevistas sobre o percurso da educação indígena na terra Indígena Bacurizinho a partir das falas dos monitores bilíngues do passado, que atuavam como educadores nas escolas das aldeias desta área indígena bem como com os atuais professores bem como de indígenas que trabalham com a educação indígena nestas aldeias.

**Palavra-Chave:** Educação. Indígenas. Bacurizinho. Educadores.

**Abstract:** This chapter is structured into three topics. The first brings an approach on aspects of education of indigenous peoples in Brazil; the second focuses on the history of the education of the Tenetehara Indians of the Bacurizinho Indigenous Land in the city of Grajaú - MA and the third presents interviews about the path of indigenous education in the Bacurizinho Indigenous Land from the speeches of the bilingual monitors of the past, who acted as educators in the schools of the villages in this indigenous area as well as with the current teachers as well as with indigenous people who work with indigenous education in these villages.

**Keyword:** Education. Indigenous Bacurizinho. Educators

---

1 - Graduado em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) (PARFOR) – Grajaú, 2020. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8148018945387556>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7336-1597> E-mail: [luiskatu95@gmail.com](mailto:luiskatu95@gmail.com)

2 - Doutora em História Econômica FFLCH – USP. Docente do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Docente do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) – UFMA. Colaboradora Doutorada do Centro de Humanidades CHAM/ Universidade Nova de Lisboa – UNL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1121119695020091>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9501-6237>. E-mail: [marize.campos@ufma.br](mailto:marize.campos@ufma.br)

## Introdução

Toda escola tem como missão a promoção de educação e formação social dos seus discentes. O compromisso político e cultural é parte da instituição ensino formal como um todo para todas as classes e alunos, quer seja isto nas escolas particular ou pública, na zona urbana, rural ou em terras indígenas, como acontece em todo o Estado do Maranhão onde está localizada a Terra Indígena Bacurizinho localizada na cidade de Grajaú – MA.

Educar alunos crianças e adolescentes indígenas é prepará-los para o futuro, para saberem “se virar” na disputa por oportunidades profissionais no mercado de trabalho. De modo especial, a educação indígena na escola é uma forma de promover o fortalecimento da cultura do povo indígena à medida que os alunos nativos aprendem sobre História, Língua Portuguesa, Geografia e outras disciplinas que os preparam para se identificar com a própria cultura.

Movido por esta perspectiva, o estudo apresentado neste capítulo é parte do TCC apresentado na conclusão do Curso de História – UFMA – PARFOR – Grajaú – MA e foi realizado em torno da educação indígena desenvolvida dentro da Terra Indígena Bacurizinho pela concepção dos primeiros educadores em suas unidades escolares que estão em funcionamento desde sua criação até os dias atuais.

Ao longo da história as escolas localizadas na parte urbana das cidades têm recebido mais investimentos para poderem contratar os melhores professores e, promover a educação de melhor qualidade. E este é o problema central que balizou esta pesquisa. Se a educação escolar básica nas escolas distantes da sede da cidade de Grajaú – MA, como um todo, recebem poucos investimentos governamentais, mas a educação indígena deve ser vista como prioritária, como pode ser possível melhorar a qualidade do ensino nas escolas da Terra Indígena Bacurizinho frente aos desafios de formação de professores indígenas que são os mais habilitados a proferir aulas bilingue?

## Aspectos da educação dos povos indígenas no Brasil

Sempre que um povo é colonizado, como aconteceu a partir do ano de 1500 com o conjunto das etnias indígenas habitantes nas terras mais tarde chamadas Brasil, a cultura dos colonizadores passa a prevalecer. No caso da educação escolar, tão logo teve início a montagem do sistema colonial, os portugueses puseram em prática o uso de instrumentos ideológicos, dentre os quais “instrumentos educacionais”, como forma de manutenção do poder. Destacadamente, a Igreja Católica passou a ter papel importante em termos de controle (ou não) da violência e crimes cometidos contra os índios a par de uma “educação” pautada na catequese, canto, poesia e leitura bíblica para os indígenas.

Todavia, muitas e significativas mudanças podem ser assinaladas a partir do século XX, destacadamente a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 1967 e a Constituição de 1988 que levaram o Estado a assumir maior responsabilidade de perpetuação da cultura indígena brasileira através da educação indígena. Em outras palavras, os avanços políticos na educação pública brasileira com a promulgação da Constituição do ano de 1988 serviu também de parâmetros legais para tornar a educação indígena em um instrumento de integração do índio na sociedade branca, ou seja, a educação como porta de entrada para as oportunidades de cidadania e de trabalho.

Vivenciava-se o que Hipólito (2008, p. 6) chamou de “ato político” e em 1991, foi promulgado o Decreto nº 26/91, que transferiu a administração e coordenação da educação escolar indígena da FUNAI para o Ministério da Educação. Isso permitiu um aprimoramento das políticas públicas de educação escolar voltadas para as comunidades indígenas já que, a partir daquele momento, essas políticas específicas passaram formuladas pelo MEC em conjunto com as organizações indígenas. Foi decidido que a educação escolar indígena deveria promover a interculturalidade, o bilinguismo, reforçar os laços comunitários, e valorizar os saberes e práticas tradicionais indígenas (MEC/SECAD, 2007).

Entendemos que a educação formal ministrada nas escolas das aldeias confere aos alunos indígenas a capacidade de exercer sua cidadania e compreender melhor como funciona o mercado

de trabalho e o que seja o capitalismo, levando-os a ter na educação uma oportunidade de ser mais produtivo. Muitas oportunidades surgem com a educação indígena, como por exemplo, a visão da importância de formação técnica para saber trabalhar a terra de forma bem mais produtiva, a partir de uma formação técnica agrícola. Mas, tudo começa com a alfabetização escolar, que na maior parte dos casos ocorre dentro das próprias aldeias.

Os vínculos de subalternidade, pouco a pouco, passaram assumir novas formas de relacionamento com os brancos, mostrando-se os Tenetehara mais autônomos. Nesta trajetória, muitos indígenas vão para a escola e seguem nos estudos até chegar a faculdade sendo bastante procurados os cursos de licenciatura, já que esses materializam a oportunidade para que depois de formados, atuem nas escolas indígenas, inclusive, por já serem moradores das áreas a eles destinadas, como é o caso da Terra Indígena Bacurizinho, localizada no município de Grajaú – MA que emprega dezenas de professores indígenas e que são seus moradores.

## **História da educação dos índios tenetehara na terra indígena Bacurizinho de Grajaú – Ma**

Para tratar da criação de escolas indígenas dentro da Reserva Indígena T. I. Bacurizinho, faz-se necessário um olhar mais detido à criação do SPI e da FUNAI, especialmente no que tange a defesa de interesses sociais e culturais dos indígenas brasileiros que lutam para serem educados formalmente em suas aldeias. Como já apontado, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) criado em 1910 foi extinto em 1967 momento em que suas atribuições foram repassadas para a Fundação Nacional do Índio (Funai) criada em dezembro daquele mesmo ano. A educação escolar, uma das ações de proteção e assistência sob a responsabilidade desses órgãos indigenistas, assumiu papel fundamental no projeto republicano de integração do índio à sociedade nacional por meio do trabalho sendo considerada como fundamental para a sobrevivência física dos índios e incluindo não só o ensino da leitura e da escrita, mas também outros temas como higiene, saneamento, estudos sociais, aritmética, ensinamentos práticos de técnicas agrícolas, marcenaria, mecânica e costura.

Com a parceria Funai/SIL foram criados, a partir de 1970, cursos de formação de monitores bilíngues, com participação dos próprios indígenas como professores auxiliares, investindo na formação dos “índios para mediar uma pedagogia que se pretendia bi cultural”, ainda que estivesse, de fato, a favor dos “interesses civilizatórios do estado” (Nascimento, 2006, p. 41). Inserido naquele contexto ocorreu é que a partir de 1972 foram implantadas escolas em aldeias da Terra Indígena Bacurizinho do município de Grajaú – MA, ainda que com apenas algumas unidades escolares de estruturas modestas.

O trabalho dos primeiros educadores “monitores bilíngues” se deu em meados do início da década de 1990 com a criação das escolas. Estes recebiam treinamento pedagógico, mas, na prática não tinham a devida formação para dar aulas em suas escolas. Foi o início de uma longa jornada de melhoramento dos métodos de ensino escolar, os monitores eram indígenas compreendidos como “inteligentes”, com liderança em suas aldeias e acostumados com o trabalho na Funai regional da cidade de Grajaú – MA. Mesmo sem a devida formação em Pedagogia, aqueles monitores tinham a instrução de como dar aulas em seminários como na cidade de Barra do Corda e como respeitar as tradições dos alunos indígenas utilizando imagens já conhecidas pelas crianças indígenas da alfabetização e no então Ensino Fundamental Menor.

Atualmente, no Maranhão, destaca-se o Núcleo Especial de Assuntos Indígenas criado em 2015 pelo Governo do Estado que tem acompanhado e articulado ações voltadas para os povos indígenas com a finalidade assegurar a defesa, proteção e cumprimento dos direitos humanos inerentes aos povos indígenas e elaborar, em parceria com os indígenas a Política Estadual para Povos Indígenas, realizando monitoramento, acompanhamento e encaminhamento de demandas detectadas junto a esse público. Um avanço significativo nas políticas educacionais indígenas do Estado do Maranhão, pode ser verificado, quando em fevereiro de 2018 o Governo Estadual deu início aos procedimentos para a Instituição e Regulamentação da Profissionalização e Reconhecimento do Magistério Indígena, com a criação da categoria e

plano de cargos e carreiras específicos para o Maranhão consolidando um grande passo na garantia da educação pública de qualidade para todos os maranhenses.

Sobre as vantagens da educação indígena desenvolvida nas aldeias da Terra Indígena Bacurizinho da cidade de Grajaú podem ser sintetizadas em: educação escolar e formação social e cultural dos alunos indígenas; preparação destes para adquirirem qualificação profissional; respeito a cultura indígena; preparação dos alunos para estes chegarem a universidade; melhoria da qualidade de vida dos indígenas estudantes por aprenderem a cuidar melhor da própria saúde e administrar melhor o próprio futuro.

## **Entrevistas com os primeiros monitores indígenas bilíngue**

O primeiro entrevistado, o sr. João Cassimiro da Silva (Madrugada) (70 anos), é ex-monitor bilíngue iniciou suas atividades em sala de aula no ano de 1972 na Escola Indígena Cacique Raimundo Lopes na Aldeia Bacurizinho e mais três anos na Escola Indígena Yri Kámiri localizada na Aldeia Bananal T. I. Bacurizinho atuando por seis anos nestas duas referidas escolas. Atualmente o indígena João Cassimiro da Silva se encontra afastado depois de atuar na Funai.

Por quanto tempo você trabalhou ou está trabalhando como professor?

R. Eu comecei a dar aulas em três aldeias da Terra Bacurizinho porque eu era líder dos índios na cidade de Grajaú, funcionário público da Funai e respeitado pelas autoridades políticas. E tinha educação para fazer isso já no ano de 1972.

**Qual disciplina (matéria) você ensinou ou está ensinando?**

R. Era preciso ser professor multidisciplinar naquele tempo, mas eu ensinava na educação básica ensinando Português, Matemática, História, Desenhos e Geografia.

**Você gostou ou está gostando de trabalhar como professor em escola na sua aldeia? Fale sobre isso.**

R. É muito bom ver as crianças índias aprendendo da forma certa, porque eu falava algo e já mostrava a imagem na parede assim, eles aprendiam mais do que aprendem nos dias atuais. E eu fazia isso nas duas línguas.

Você tinha sido bem preparado para dar aulas na sala de aula? E, tinha ou tem todos os materiais do professor e dos alunos para o ensino e estudo?

R. Naquele tempo foi preciso fazer seis anos de curso para saber trabalhar nas escolas da Aldeias da Bacurizinho, eu tive que fazer curso em Bacabal, em Barra do Corda e no seminário dos padres para poder ensinar História e Português na escola.

Suas aulas eram trabalhadas mais na língua tupi dos Tenetehara ou Português? E, porquê?

R. *No que lembro era mais no Português que era para as crianças e os índios mais jovens poderem aprender o que precisariam saber quando fossem para a escola dos brancos. Mas, quando fazia cantos era na nossa língua tupi. Isso porque éramos orientados para respeitar a língua dos índios.*

Nas suas aulas eram ou são utilizados brinquedos e brincadeiras para as crianças aprenderem os conteúdos das disciplinas? Quais?

R. No que lembro sim, mas a Funai não dava todos os livros e brinquedos que era preciso porque o investimento era pouco. Então nós da escola fazíamos desenhos para ensinar as palavras pros alunos. E tinha brincadeiras de roda e canto que faziam parte do moqueado.

Você concorda que, mesmo dentro das escolas da Aldeia, é responsabilidade do professor ensinar as disciplinas para alfabetizar e preparar alunos para seguir nos estudos até a faculdade ensinando sobre a importância de preservar os costumes e as tradições dos índios? Você como professor havia sido orientado para fazer isso?

R. Eu acho sim. E isso era falado por funcionário da Funai como dever do monitor.

Fale um pouco do rendimento de aprendizagem de seus alunos e, sobre suas formas de ensinar:

R. Era naquilo que o proposto para alunos das ladeiras aprenderem a cartilha era cumprida, e havia notas de provas faladas e escritas. Mas, tudo ensinado era aprendido porque eu falava como eles sabiam e não estranhavam. Como acontece nos dias atuais com professores brancos que ensinam muito, mas, os índios aprendem pouco.

A segunda entrevista deu-se com a monitora bilíngue a sra. Maria da Graça Pereira de Melo. Maria da Graça, iniciou suas atividades profissionais na Educação Indígena no ano de 1986 na Escola Indígena Planalto localizada na aldeia Planalto T.I. Bacurizinho e trabalhou como professora até o ano de 2005 em um total de 18 anos atuando em sala de aula. Atualmente, exerce uma função administrativa na Funai Sede do município de Grajaú – MA.

**Por quanto tempo você trabalhou ou está trabalhando como professora?**

R. Eu trabalhei como monitora bilíngue por dezessete ou dezoito anos e parei no ano de 2005 quando fui convidada para trabalhar na Funai.

Qual disciplina (matéria) você ensinou ou está ensinando?

R. Eram poucas disciplinas, mas na Educação Infantil tinha Desenho feito com ludicidade e Português e Matemática, mas também História.

Você gostou ou está gostando de trabalhar como professor em escola na sua aldeia? Fale sobre isso.

R. *Gostei sim. Porque era satisfatório.*

Você tinha sido bem preparado para dar aulas na sala de aula? E, tinha ou tem todos os materiais do professor e dos alunos para o ensino e estudo?

R. Não, tinha formação pedagogia.

Suas aulas eram trabalhadas mais na língua tupi dos Tenetehara ou Português? E, porquê?

R. Nas duas, porque era preciso, mas, os alunos tinham mais vontade de aprender do que acontece nos dias atuais.

Nas suas aulas eram ou são utilizados brinquedos e brincadeiras para as crianças aprenderem os conteúdos das disciplinas? Quais?

R. Sim, mas, tudo que nós então monitoras bilíngues criávamos porque era limitado o investimento na educação indígena.

Você concorda que, mesmo dentro das escolas da Aldeia, é responsabilidade do professor ensinar as disciplinas para alfabetizar e preparar alunos para seguir nos estudos até a faculdade ensinando sobre a importância de preservar os costumes e as tradições dos índios? Você como professora havia sido orientado para fazer isso?

R. Concordo sim, é porque educação precisa ser para a vida toda.

Fale um pouco do rendimento de aprendizagem de seus alunos e, sobre suas formas de ensinar.

R. Era bom dentro do que era ensinado.

A terceira entrevista é com o professor indígena Cali Melquiades de Souza Filho. Cali iniciou seu trabalho como professor bilíngue na Escola Indígena Raimundo Lopes localizada na T. I. Bacurizinho no ano de 2001. Este professor tem formação acadêmica em Geografia e atua, desde então, nesta mesma instituição de ensino.

**Por quanto tempo você trabalhou ou está trabalhando como professor?**

R. Já há dezoito anos.

Qual disciplina (matéria) você ensinou ou está ensinando?

R. Todas as matérias.

Você gostou ou está gostando de trabalhar como professor em escola na sua aldeia? Fale sobre isso.

R. Estou

Você tinha sido bem preparado para dar aulas na sala de aula? E, tinha ou tem todos os materiais do professor e dos alunos para o ensino e estudo?

R. Superior: Geografia, 2010. Não me sentia bem preparado. Foi adquirido com o tempo em sala de aula.

Suas aulas eram trabalhadas mais na língua tupi dos Tenetehara ou Português? E,

porquê?

R. Nas duas Línguas porque é importante usar a língua que os alunos entendem bem, mas, também prepará-los para ir até a faculdade e, é por isso que o ensino em Português é muito importante.

Nas suas aulas eram ou são utilizados brinquedos e brincadeiras para as crianças aprenderem os conteúdos das disciplinas? Quais?

R. Sim, sempre. Mas nos dias de hoje é melhor, as paredes da escola são decoradas com imagens e cores.

Você concorda que, mesmo dentro das escolas da Aldeia, é responsabilidade do professor ensinar as disciplinas para alfabetizar e preparar alunos para seguir nos estudos até a faculdade ensinando sobre a importância de preservar os costumes e as tradições dos índios? Você como professor havia sido orientado para fazer isso?

R. Isso sempre foi orientado porque a escola precisa fazer seu trabalho de ensino, mas, respeitando as tradições indígenas.

Fale um pouco do rendimento de aprendizagem de seus alunos e, sobre suas formas de ensinar:

R. A forma de ensinar é padronizada, com aulas explicativas e expositivas. Tudo que é ensinado no curso de Geografia eu emprego, é parecido ao que acontece nas escolas da sede de Grajaú.

A quarta entrevista é com o professor indígena Antenor Guajajara Filho. Antenor tem formação no curso de magistério indígena e vem sendo educador multidisciplinar na Escola Indígena Tupanu Hu localizada na Aldeia Planície da T. I. Bacurizinho entre os anos de 2002 e 2019.

**Por quanto tempo você trabalhou ou está trabalhando como professor?**

R. Já há dezessete anos.

Qual disciplina (matéria) você ensinou ou está ensinando?

R. Professor misturava mais na língua. Mas era professor de todas as matérias.

Você gostou ou está gostando de trabalhar como professor em escola na sua aldeia? Fale sobre isso.

R. Sim, como me preparei para fazer.

Você tinha sido bem preparado para dar aulas na sala de aula? E, tinha ou tem todos os materiais do professor e dos alunos para o ensino e estudo?

R. Depois do Curso de magistério para educação indígena tive 15 dias de preparação com outros professores mais experientes. Mas, o professor não tem acompanhamento pedagógico. Mas de vez em quando aparece algum pedagogo para cobrar resultado.

Suas aulas eram trabalhadas mais na língua tupi dos Tenetehara ou Português? E, porquê?

R. É vantagem: ver o ensino bilíngue como forma de contribuição de preservar a língua tupi.

Nas suas aulas eram ou são utilizados brinquedos e brincadeiras para as crianças aprenderem os conteúdos das disciplinas? Quais?

R. Sempre faltam os materiais didáticos. Eu sempre organizo as brincadeiras lúdicas no pátio da escola porque as crianças aprendem a soletrar cantando as palavras enquanto pulam os quadrados pintados no chão.

Você concorda que, mesmo dentro das escolas da Aldeia, é responsabilidade do professor ensinar as disciplinas para alfabetizar e preparar alunos para seguir nos estudos até a faculdade ensinando sobre a importância de preservar os costumes e as tradições dos índios? Você como professora havia sido orientado para fazer isso?

R. Tem sido tudo por conta do professor, mas, nas aulas de História sempre é ensinado sobre as origens culturais dos Tenetehara/Guajajara.

Fale um pouco do rendimento de aprendizagem de seus alunos e, sobre suas formas de ensinar:

R. As formas de ensinar é com dever de casa, escrevendo os conteúdos na lousa para eles copiar e aprenderem. Mas também explico tudo que irei apresentar na semana antecipadamente

*e escrevo sobre isso para eles terem algum conteúdo para ler em casa. Porque isso facilita na hora da aprendizagem.*

A quinta e última entrevistada foi a professora Darlene Marinho da Conceição Guajajara, formada em licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Darlene iniciou suas atividades como professora bilíngue no ano de 2004 na Escola Indígena Planalto localizada na T. I. Bacurizinho onde trabalhou por quatro anos como professora multidisciplinar na Educação Fundamental nesta referida unidade escolar indígena. No ano de 2009 foi transferida para a Escola Indígena Teko na Aldeia Olho d'Água localizada na T. I. Bacurizinho, onde se encontra trabalhando até os dias atuais.

Por quanto tempo você trabalhou ou está trabalhando como professora?

R. Desde 2004.

Qual disciplina (matéria) você ensinou ou está ensinando?

R. O trabalho é multidisciplinar.

Você gostou ou está gostando de trabalhar como professora em escola na sua aldeia?

Fale sobre isso.

R. Sim, é como eu esperava. Mas, não esperava encontrar tantas dificuldades com a falta de materiais didáticos e investimentos em acompanhamento pedagógico para facilitar a aprendizagem dos alunos. E, a estrutura física da escola deixa muito a desejar.

Você tinha sido bem preparado para dar aulas na sala de aula? E, tinha ou tem todos os materiais do professor e dos alunos para o ensino e estudo?

R. No início dos trabalhos em sala de aula não, foram apenas 15 dias de treinamento com a Secretaria de Educação e observações de pedagogo. E tenho me valido da minha formação em Pedagogia que fiz pela Universidade Federal do Maranhão.

Suas aulas eram trabalhadas mais na língua tupi dos Tenetehara ou Português? E, porquê?

R. Isso chega a ser regras, mas, quase todas as aulas são em português para preparar as crianças e adolescentes alunos para a vida na cidade e continuidade nos estudos que não pode acontecer na aldeia.

Nas suas aulas eram ou são utilizados brinquedos e brincadeiras para as crianças aprenderem os conteúdos das disciplinas? Quais?

R. Sempre.

Você concorda que mesmo dentro das escolas da Aldeia é responsabilidade do professor ensinar as disciplinas para alfabetizar e preparar alunos para seguir nos estudos até a faculdade, mas, ensinando sobre a importância de preservar os costumes e as tradições dos índios? Você como professor havia sido orientado para fazer isso?

R. Concordo e, sempre isso foi uma diretriz para a educação indígena.

Fale um pouco do rendimento de aprendizagem de seus alunos e, sobre suas formas de ensinar.

R. Eles são alunos indígenas dedicados, mas encontram dificuldades em aprender conteúdos mais difíceis como na Língua Portuguesa. Já os métodos de ensino são iguais em todas as escolas por ser determinado pelo Ministério da Educação.

## **Considerações Finais**

O Brasil é um país constituído por diferentes povos etnicamente diferenciados, com histórias, saberes e línguas próprias. Com base nos dados do Censo IBGE, 2010, estima-se que existam hoje no mundo pelo menos 5 mil povos indígenas, somando mais de 370 milhões de pessoas, sendo que os mais de 305 povos indígenas somam 896.917 pessoas. Destes, 324.834 vivem em cidades e 572.083 em áreas rurais, o que corresponde aproximadamente a 0,47% da população total do país.

De acordo com um estudo da Funai, atualmente existem sete etnias vivendo no Maranhão: Ka'apor, Guajá, Tenetehara, Timbira, Kanela, Krikati e Gamela. Vale ressaltar que esse grupo

de indígenas está espalhado por 31 dos municípios maranhenses representando quase 15% do total de cidades do Estado. Especificamente sobre os protagonistas os Tenetehara são os que mais tem terras regularizadas no Maranhão com o total de oito. A população registrada desta etnia chega a 12.248 pessoas e os índios chegam a contemplar oito municípios: Cana Brava (Barão de Grajaú, Barra do Corda, Jenipapo dos Vieiras); Caru (Bom Jardim); Governador (Amarante do Maranhão); Lagoa Comprida (Itaipava do Grajaú e Jenipapo dos Vieiras); Morro Branco (Grajaú); Rio Pindaré (Bom Jardim e Monção); Rodeador (Barra do Corda) e Urucu (Itaipava do Grajaú). Vale ressaltar que nas terras indígenas Governador, os Tenetehara estão mesclados com a etnia Gavião Pukobiê. Além disso, os indígenas ainda reivindicam a regularização de uma nova área conhecida como Vila Real em Barra do Corda, mas o status ainda está “em estudo” de acordo com a Funai.

Cumpre, mais uma vez, ressaltar que intenção final deste trabalho é contribuir para o conhecimento de parte História indígena e favorecer futuras pesquisas sobre as realidades vividas e experienciadas pelos professores e alunos no cotidiano da educação indígena da área indígena T.I. Bacurizinho – Grajaú – MA. E isso se entrelaça com meu olhar próprio sobre a história, qual seja, uma disciplina voltada ao estudo do passado das pessoas que na condição de acadêmico índio ganha um relevo maior, pois o estudo científico que resultou neste trabalho, é quase um autorretrato, que ao falar sobre o passado e presente da educação escolar dos povos indígenas Tenetehara/Guajajara revela aspectos da minhas próprias raízes identitárias.

Não por outro motivo, foram entrevistados ex-monitores indígenas bilíngues e atuais professores indígenas das escolas em aldeias da Terra Indígena Bacurizinho, senão para aprender através dos depoimentos e respostas como tudo começou, como a educação escolar nas aldeias passou a fazer parte da vida dos indígenas e de mim próprio.

## Referências

ALBERTI, VERENA. **O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado.** Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/869.pdf](https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/869.pdf)

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Publicado no D.O.U de 05 de outubro de 1988.

CHARTIER, Anne Marie. **A escola obrigatória e o ofício de ensinar.** Palestra proferida no Programa de Pós-graduação em Sociologia. 2002.

COLAÇO, Thais Luzia. “Incapacidade” indígena: tutela religiosa e violação do direito guarani nas missões jesuíticas. Curitiba: Juruá, 2000. Disponível em: [http://pronacampo.mec.gov.br/imagens/pdf/bib\\_cad3\\_ed\\_indi\\_div\\_esc.pdf](http://pronacampo.mec.gov.br/imagens/pdf/bib_cad3_ed_indi_div_esc.pdf)

**CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS ESTADUAIS DE EDUCAÇÃO. Propostas para o Fortalecimento das Políticas Nacionais de Educação Escolar Indígena.** Brasília: Consed, 2006. Disponível em: [http://pronacampo.mec.gov.br/imagens/pdf/bib\\_cad3\\_ed\\_indi\\_div\\_esc.pdf](http://pronacampo.mec.gov.br/imagens/pdf/bib_cad3_ed_indi_div_esc.pdf) investigação virtual realizada em: 27 / 10 / 2019.

**Estatísticas sobre educação escolar indígena no Brasil** – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2007.

FRANCHETTO, Bruna. **Línguas indígenas e comprometimento linguístico no Brasil – situação, necessidades e soluções.** Caderno de Educação Escolar Indígena – 3º Grau Indígena, Barra do Bugres, UNEMAT, v. 3, 2004. 2005.

[http://pronacampo.mec.gov.br/imagens/pdf/bib\\_cad3\\_ed\\_indi\\_div\\_esc.pdf](http://pronacampo.mec.gov.br/imagens/pdf/bib_cad3_ed_indi_div_esc.pdf)

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Trajetória de muitas perdas e poucos ganhos.** In: Educação Escolar Indígena em Terra Brasilis – tempo de novo descobrimento. Rio de Janeiro: Ibase, 2004. P. 11-31.

GRUPIONI, Luis Donizete Benzi. **Olhar longe, porque o futuro é longe Cultura, escola e professores indígenas no Brasil.** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

HIPÓLITTO, Dinéia. **A formação do professor em descompasso com a realidade.** São Paulo: Ática, 2008.

KLEBER, Henrique Ricardo. Gesteira Susana Grillo Adelaide Chamusca. **Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola.** Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade (Semed/MEC) Esplanada dos Ministérios, Bloco L. sala 70 Brasília, abril de 2007.

NASCIMENTO, R.G. **Educação escolar dos índios: consensos e dissensos no projeto de formação docente Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

OLIVEIRA, Humberto de. **Coletânea de leis, atos e memoriais referentes ao indígena brasileiro.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.

OLIVEIRA, Luiz Antônio de & NASCIMENTO, Rita Gomes do. **Roteiro para uma história da educação escolar indígena: notas sobre a relação entre política indigenista e educacional.** Educ. Soc. 2012, vol.33, n.120.

PAIVA, José Maria de. **Educação jesuítica no Brasil colonial.** In: LOPES, Eliana Maria Teixeira. (Org.). 500 anos de educação no Brasil. 3ª ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2003.

PEREIRA GOMES, Mércio. **O índio na história. O povo Tenetehara em busca da liberdade.** Petrópolis, Vozes, 2002.

PIANTA, Isaac da Silva. **Autonomia, para a gente, é ter uma escola com nosso próprio pensamento.** In: VEIGA, J.; D'ANGELIS, E. R. (Orgs.). Escola Indígena, identidade étnica e autonomia. Campinas: ALB/Unicamp, 2003. Disponível em: [http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib\\_cad3\\_ed\\_div\\_esc.pdf](http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_cad3_ed_div_esc.pdf)

**Relatório Educação Para Todos No Brasil 2000-2015.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/relatorio-educacao-para-todos-no-brasil-2000-2015>

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias políticas e pedagógicas no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2007.